



INFORMATIVO APOEMA

www.apoema.com.br

ANO 4 - VOL147- 18/JUN -2012

Zoom na Informação Ambiental

+ sobre a Rio + 20

+ Cúpula dos Povos

Postagens na rede social Face Book
#Florestafazadiferença.

"Estamos aqui não porque somos posição ou oposição, mas porque temos uma posição em defesa das florestas". Marina Silva, durante o Ato em Defesa das Florestas e do Desenvolvimento Sustentável na Cúpula dos Povos.



Por Silvio Alvarez: "Hoje realizei 3 oficinas no Planetário da Gávea, dentro da Rio +20, um total de 130 crianças atendidas, vindas de diversas regiões do Rio. As oficinas acontecem a convite da Escola Bosque de SP :D"

O artista desenvolve a arte de recorte e colagem de imagens com materiais impressos.



Bloco de carnaval ensina a construir instrumentos musicais com material reciclado

sáb, 16/06/12

por roberta.saad |

E chegou o Carnaval na Cúpula dos Povos! O grupo Dalailata, do Rio de Janeiro, ocupa uma das tendas do evento para oferecer oficinas de percussão e mostrar que a música também pode ser sustentável. Além de aprender a batucar, quem passar por ali pode construir seu próprio instrumento musical com sucata, como rolos de papel higiênico, galões de água, miçangas e até resto de bolas de árvore de natal. O melhor: o visitante ainda leva o mimo pra casa. "É para crianças e adultos. Queremos ensinar a percepção rítmica e mostrar que dá pra reutilizar, transformar e reciclar", conta Regina Café, instrutora e percussionista do grupo Dalailata, um bloco de carnaval com instrumentos 100% reciclados. Fonte: Globo News

Cúpula dos Povos

Caso xavante dá vida a constatações do documento da Rio+20

Índio fala dos abusos que seu povo sofre por parte dos grileiros
Sucena Shkrada Resk, do Mercado Ético

Os bastidores da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) e da Cúpula dos Povos por Justiça Social e Ambiental apresentam histórias que não farão parte do documento oficial a ser produzido durante o evento. Mas esses são exemplos reais, que dão “vida” a propostas e constatações discutidas no documento e aos ambientes frios das salas e corredores das negociações oficiais. Entre elas, a que trata do reconhecimento da importância da Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas na implementação global, regional e nacional das estratégias de desenvolvimento sustentável.

Índio xavante José de Arimatéia Tserewamriwê Tseren, da região de Alto Boa Vista, no norte mato-grossense / Foto: Sucena Shkrada Resk

A história contada hoje ao Mercado Ético pelo índio xavante José de Arimatéia Tserewamriwê Tseren, da região de Alto Boa Vista, no norte mato-grossense, ilustra esse trecho do documento que está sendo finalizado. O indígena chegou hoje ao Rio de Janeiro, em um grupo de 12 índios, e participará de atividades tanto na Rio+20 como na Cúpula dos Povos (evento paralelo promovido por organizações da sociedade civil).

“Viemos participar desses encontros para pedir que seja cumprida a promessa de devolução de nosso território tradicional Marãiwatsédé, que foi invadido por grileiros, fazendeiros que desmataram terras para fazer pasto e cultivar soja”, conta ele, que faz parte do conselho da aldeia, onde vivem 935 índios.

“Desde 1992, no período da ECO 92, o governo brasileiro diz que a terra é nossa. Chegou a ser homologada em 1998, mas hoje não temos mais onde buscar frutas e animais de caça”, lamenta o índio. “Os nossos rios, como o rio Fontoura, estão contaminados e não conseguimos mais pescar”, continua.

Segundo o xavante, a reivindicação da qual é porta-voz também expressa o valor dado por seu povo à conservação da natureza na Amazônia Legal. “Queremos que tudo que foi destruído seja reflorestado. Somos o povo da mata”, atesta.

Para Rubens Born, coordenador executivo-adjunto do Instituto Vitae Civilis – Cidadania e Sustentabilidade, o caso exposto por José de Arimatéia também vai ao encontro de uma das propostas que estão sendo discutidas no rascunho final da Rio+20, que é da criação de uma ouvidoria para as futuras gerações. “Teria um papel semelhante ao que hoje tem o alto comissariado de Direitos Humanos, e apontaria lacunas internas nos países que infringem os direitos das futuras gerações”.

Neste sábado (16), haverá uma atividade autogestionada na Cúpula dos Povos, das 9h às 11h, sobre este caso, que deverá contar com a participação do cacique Damião Paridzané, do ator e ativista Marcos Palmeira, de Aluizio Azanha, da Fundação Nacional do Índio (Funai), e de Márcia Zollinger, do Ministério Público Federal de Mato Grosso, entre outros convidados.

Mais detalhes sobre a situação de Marãiwatsédé podem ser encontrados no blog maraiwatsede.wordpress.com.

(Mercado Ético)



Cuidado com os burocratas verdes

LUIZ FELIPE PONDÉ

Não tenho dúvida de que animais e árvores nos humanizam, e não lugares cheios de gente do tipo Rio+20. E que temos que cuidar de nossa casa, assim como devemos buscar diminuir o sofrimento do mundo em geral, mas o fato é que não sabemos ao certo o que fazer para isso.

E a burocracia verde, gerada nesta conferência, não descobrirá como fazer isso porque burocracia é sempre parasita.

A máxima da Rio+20 “Mudar o modelo de energia no planeta para energia sustentável” é ainda algo semelhante a discussão sobre sexos dos anjos. Essa máxima implica ideias como “sai fora combustível fóssil tipo petróleo e entra em cena...”

Na prática, quem quer fechar hospitais, parar de voar ou silenciar computadores?

O problema não é apenas a qualidade da energia, mas a quantidade necessária dela e seu custo. Imagino verdes de todos os tipos pregando o fim da exploração de petróleo em seus facebooks dependentes de energia fóssil.

Quanto à humanização (tema recorrente neste parque temático da ONU), ainda penso que família e escola são as melhores formas de aprendê-la. Um estímulo para ter animais e jardins em casa, nas escolas e nas ruas vale mais como humanização do que 50

conferências gigantescas nas quais se discutem siglas, vírgulas e ponto e vírgulas.

Cúpulas internacionais ambientais são como os velhos concílios bizantinos dos primeiros séculos do cristianismo. Esses concílios aconteciam no império bizantino, também conhecido como Constantinopla.

Neles, os caras se perguntavam quantos centímetros Jesus tinha de substância divina e quantos de substância humana. Acho que os concílios ainda ganhariam em eficácia levando-se em conta o sucesso da ideia de que o carpinteiro judeu seja Deus.

Sabemos que a ONU e seus derivados são, como dizia Paulo Francis, grandes estatais ineficientes. Verdadeiro cabide de emprego para um monte de gente, principalmente de países pobres. Dar dinheiro para a ONU é doação a fundo (quase) perdido.

Minha tese, nada científica, é a de que a ONU não seja o melhor fórum para angústias como essas porque ela é basicamente ineficiente. Tudo o que consegue, além de dar chances para seus integrantes beberem e conhecerem os bares da Lapa - como me disse recentemente um colega jornalista - é gerar impostos internacionais que você e eu teremos que pagar.

Qualquer solução para a “energia limpa” virá do mercado e jamais de burocratas e seus pontos e vírgulas.

A questão é: quem defende o planeta dos burocratas verdes?

LUIZ FELIPE PONDÉ é colunista da Folha e

CIRANDA APOEMA:
www.apoema.com.br
www.revistaeta.org
www.amigosdanatureza.net
[Http://projetoapoema.blogspot.com/](http://projetoapoema.blogspot.com/)

Informativo elaborado por:
Projeto Apoema: www.apoema.com.br
Edição: Berenice Gehlen Adams
Jornalista Resp. - Alice Gehlen Adams
Mtb 12690
Contato: bere@apoema.com.br
Participe, envie sugestões ou conte sua experiência!